

Morfologia craniana e identificação de ancestralidade em cemitério colonial¹

Andersen Liryo, DSc - Museu Nacional/Rio de Janeiro
Bruna Ribeiro Pereira -Bolsista PIBIC Fiocruz/Rio de Janeiro
Sheila Mendonça de Souza, DSc - ENSP/Fiocruz/Rio de Janeiro

Resumo

Três crânios humanos bem conservados, provenientes do ossuário da Igreja de Santo Antônio de Itacambira, Minas Gerais, foram medidos e sua geometria foi calculada e feitas estimativas de sexo e ancestralidade com auxílio do FORDISC. Os resultados foram associados aos dados históricos locais e outros estudos bioarqueológicos. Cada crânio foi associado a grupos humanos de diferentes continentes, Asiáticos, Africanos e Europeus. Apesar de tratar-se de crânios individuais, e não de séries representativas, em todos os casos os elementos contextuais, históricos e bioarqueológicos convergiram sugerindo serem os resultados coerentes e dotados de significado.

Palavras-chave: Craniometria; Antropologia Biológica; Múmia

Abstract

Three preserved human skulls from the St. Antonio de Itacambira Church's ossuary, in Minas Gerais, were measured. Its geometry was calculated in order to estimating sex and ancestry using FORDISC. The results were associated to other local historical and bioarchaeological data. Each of the three skulls was associated to human groups of different continents: Asian, African and European. Despite being individual skulls, and not representative group o skulls, the context, historical and bioarchaeological data were convergent suggesting the results were coherent and meaningful.

Keywords: Craniometry; Biological Anthropology; Mummy

Introdução: achados e mistérios de Santo Antônio de Itacambira

Numa das coleções científicas da Fiocruz, encontram-se hoje algumas múmias e ossos humanos achados na cidade de Itacambira, Minas Gerais. Seu estudo teve, por décadas, vertente paleoparasitológica especializada, e retorna agora com dimensões amplas e interdisciplinares. O presente trabalho representa parte destes estudos, cujo objetivo tem sido reunir o maior número de informações possível sobre aquele achado,

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

cujas análises já contribuíram expressivamente para o progresso dos métodos e técnicas voltadas para o conhecimento das doenças no passado, e especificamente para o período colonial brasileiro.

A coleção científica CPFERA - Coleção Paleoparasitológica e de Fezes Recentes de Animais, é uma coleção arqueopaleontológica, uma das muitas mantidas para estudo na Fiocruz (<http://cpfera.fiocruz.br>). Hoje sob a curadoria da Dra Márcia Chame, do Departamento de Endemias Samuel Pessoa, está localizada na Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca - ENSP, sob guarda do Laboratório de Paleoparasitologia da ENSP, no Rio de Janeiro, sendo mantida em reserva técnica adequada, com boas condições de climatização e acondicionamento, onde é objeto de diferentes pesquisas.

A manutenção de uma coleção desta natureza tem como principal objetivo preservar e disponibilizar, para estudos científicos evolutivos, antropológicos, ecológicos, sobre saúde, práticas médicas e sanitárias e outros, material único e irrecuperável de tempos passados. A subcoleção de paleoparasitologia, onde estão os remanescentes humanos de Itacambira, conta hoje com centenas de exemplares, materiais cujo estudo, ao longo de décadas, proporcionou produção científica importante e ajudou a consolidar o pioneirismo mundial da ENSP em paleoparasitologia.

O material de Itacambira é representado por ossos e partes mumificadas humanas de pelo menos seis indivíduos. Na década de 1980, os referidos materiais foram doados por Simeão Ribeiro Pires, engenheiro e historiador residente na cidade de Montes Claros. Esta doação, contribuição aos estudos científicos iniciais de paleoparasitologia, permitiu que o material fosse trazido para a Escola pelos pesquisadores Luiz Fernando Ferreira e Ulisses Eugenio Confalonieri, do Departamento de Ciências Biológicas da ENSP, onde permaneceram até a constituição da coleção (FERREIRA; ARAÚJO; CONFALONIERI, 1988).

Os exemplares haviam sido coletados pelo doador, que constituía em Montes Claros um pequeno acervo de interesse histórico. Estes remanescentes humanos, provenientes da igreja de Santo Antônio de Itacambira, foram removidos do seu depósito secundário naquela igreja sem que tivesse havido pesquisa arqueológica pertinente. Na época, o material, embora bem conhecido dos moradores da região, era apenas objeto de curiosidade e de brincadeiras macabras. Luis Fernando Ferreira relatou pessoalmente a uma das autoras (SMS) que o contato para aquele colecionador havia

sido feito através do arqueólogo André Prous, de Belo Horizonte, quando em 1978 foi procurado pelo grupo para obtenção de amostras mumificadas para paleoparasitologia. Prous os remeteu ao colecionador de Montes Claros, que foi então procurado. Os referidos exemplares despertaram interesse internacional, pelo potencial que apresentavam para as pesquisas em esquistossomose, malária e outros temas.

Segundo registros de Pires (2001), os relatos locais, ainda hoje reproduzidos, referiam o rompimento acidental do piso de madeira da Matriz de Santo Antônio de Itacambira, durante reformas nos anos 1950, havia deixado à mostra, em um vão abaixo do assoalho, ossos e até partes de corpos mumificados de centenas de indivíduos. Depositados diretamente sobre o solo, ou em caixas e caixões de madeira, alguns ainda portavam partes de calçados e vestimentas. Apesar da falta de registro documental sobre a constituição do ossuário, admite-se que teriam sido exumados do Adro da igreja cerca de cem anos antes. Hoje encontram-se sob o piso atrás do altar, onde podem ser acessados através de um alçapão de madeira.

O acesso aos registros de enterros daquela Igreja tornou-se facilitado graças ao projeto da Sociedade Genealógica de Utah, que microfilmou os livros originais do Arquivo da Diocese de Montes Claros, e disponibilizou no site Family Search (<https://www.familysearch.org/>). Estes registros confirmam que, tanto no Adro como no corpo da Igreja, assim como em capelas da região, eram feitos enterros desde, pelo menos meados do século XVIII. O primeiro registro em folha preservada do livro de enterros disponível hoje é de 1779, entretanto, a literatura sobre Itacambira menciona enterros desde 1754. Estudos tafonômicos, ainda em andamento pela segunda autora (BRP), indicam cortes e fraturas compatíveis com impactos de instrumentos utilizados em exumações, tais como pás e enxadas, nos ossos já descarnados, confirmando os relatos sobre ao achado. Em estudo recente foi identificada a fauna cadavérica que colonizava os remanescentes humanos mumificados, sinalizando para condições de exposição posterior a exumação (BRAGA et al., 2015).

Revisitado periodicamente por jornalistas e curiosos, este ossuário, que ainda permanece no local, tornou-se atração turística, sendo referido como “mistério” e disponibilizado em diferentes mídias digitais, p. ex. <https://www.youtube.com/user/buenopolis/videos>.

Hoje, os poucos exemplares que estão no Rio de Janeiro, parecem ter sido os únicos estudados desta série. Na coleção CPFERA da Fiocruz, constam sob os registros 74 a 79. A este material, praticamente sem referência, a não ser pelas vagas informações

contextuais, coube uma primeira pergunta: quem? No presente trabalho serão analisados e discutidos três crânios humanos praticamente completos aqui tentativamente interpretados a partir dos indícios craniométricos e de alguns dados históricos e bioarqueológicos para sua possível identificação.

O contexto

O município de Itacambira localiza-se numa crista, ou divisor de águas, pertencente a Serra do Espinhaço, também denominada em documentos históricos Serra Resplandecente, pelo brilho resultante do teor de muscovita (mica) no solo. Está localizado nas cabeceiras do rio Itacambiruçu, no Alto Jequitinhonha, em área de cerrado do estado de Minas Gerais, próximo da Bahia, localizando a $17^{\circ}03'54''\text{S}$ e $43^{\circ}18'32''\text{O}$ (Figura 1). A atual Itacambira, no mesmo sítio da antiga, fica a cerca de mil metros de altitude, e seria de difícil acesso à época. Saint-Hilaire (1975), por exemplo, aponta a dificuldade de chegar ao local, e tendo passado pelo que julgou ser *Tacambira* ou *Itacambira*, discute se seria ou não o mesmo. Sendo isolada e defensável, e tendo localização estratégica, pode ter sido escolhida para estabelecimento do arraial pela constante ameaça de conflitos com os indígenas, ditos “bugres”, mas também com brasileiros e estrangeiros em busca das riquezas minerais da região (PIRES, 2001). Finalmente por sua altitude, clima seco e salubre, também estaria pouco exposta aos contágios e febres endêmicas naqueles sertões.

Figura 1: Mapa com localização do município de Itacambira/MG.



Imprecisa, a história local tem registros nem sempre documentados, feitos por intelectuais da região. Segundo Pires (2001), Diogo de Vasconcelos credita a fundação do arraial de Itacambira a Fernão Dias Paes Leme. Este teria montado ali, como era a prática da época, um posto de apoio, celeiro e guarnição para as viagens ao distrito de Esmeraldas, onde situava-se a lendária *Lagoa de Vapabuçu*. Segundo o mesmo autor, em 1698 o capitão Miguel Domingues, com um grupo de paulistas, teria chegado à região de Itacambira (ou Tacambira), percorrendo o caminho natural entre o norte de Minas Gerais e o litoral da Bahia e rios que levavam ao Jequitinhonha.

O local do achado deste ossuário, a igreja Matriz de Santo Antônio de Itacambira, é um monumento de interesse arqueológico e histórico, tombado pelo IEPHA – Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico, do Estado de Minas Gerais, desde 1988. Encontra-se também protegido em nível Federal, sendo reconhecida sua importância por representar uma construção única do Barroco Mineiro do início/metade do século XVIII. Sua arquitetura despojada parece refletir o isolamento e o pequeno poder econômico desta localidade do sertão, local de passagem para supostas riquezas, mas onde riqueza não parece ter existido de fato. Documentada no site daquele Instituto, já foi motivo de furtos, restauração e investimentos públicos, ainda que nenhuma pesquisa arqueológica no local. Pesquisas documentais a partir dos registros de batismos, casamentos e mortes tem sido realizadas (FONSECA; REIS, 2012).

Seu estilo arquitetônico chama atenção e sua peculiaridade, motivação maior de seu tombamento, pode resumir-se num parágrafo encontrado na documentação do bem tombado:

“O interior da Igreja, erguida na primeira metade do século XVIII, causa grande impacto visual e até certo estranhamento pelo aspecto despojado, muito diferente da apresentação estética convencional encontrada em templos católicos. A decoração sugere influência oriental”(IEPHA-MG, 2013).

Essa peculiaridade também é ressaltada pelo engenheiro e historiador Geraldo Afonso Gomes, segundo Cotrim (2014):

“O altar da Igreja de Santo Antônio - disse ele - é do estilo Barroco Oriental, pois como Portugal criou colônias no Oriente, como Macau, trouxe artistas daquela parte do mundo para construir igrejas em suas áreas de influência. Isso deixou a matriz de Itacambira com a

prerrogativa de ser a única no Brasil a ter um altar construído com base na cultura oriental”.

Os historiadores concordam que houve uma expedição de exploração à região em 1704, e a capela de Santo Antônio que antecedeu a igreja parece ter sido construída a partir de 1707, quando foi levantado o plano de um espigão e capela para vila fundadora católica (RODRIGUES; FRANCO, 2011). Nesta teriam sido feitos enterros, mas, como referido inicialmente, não se pode precisar a data em que iniciaram.

A igreja passou por reformas, mas manteve suas características arquitetônicas ao longo do tempo, razão pela qual é protegida. Apesar de austera, conta com algumas obras relevantes do ponto de vista histórico e artístico, como o oratório e o púlpito.

Em 1719, segundo relato, a criação de gado bovino já movimentava a economia local, justificando o deslocamento de forças Imperiais de “Dragões” para a região. Em 1812 teria sido estabelecido o Arraial de Itacambira, em 1823 foi assinado o Alvará de criação da Freguesia de Itacambira, e a mesma foi extinta em 1868. Apenas em 1911 foi criado o Distrito de mesmo nome.

Do ponto de vista da estrutura hierárquica da igreja católica, em 1840, o local ainda era um Curato, com o nome de Santo Antônio de Gorotuba (não tendo ainda o nome de Itacambira). Em razão de seu crescimento, tornou-se Paróquia de Santo Antônio de Itacambiruçu da Serra do Grão Mongol, e mais tarde, Paróquia de Itacambira (COTRIM, 2014; PIRES, 2001).

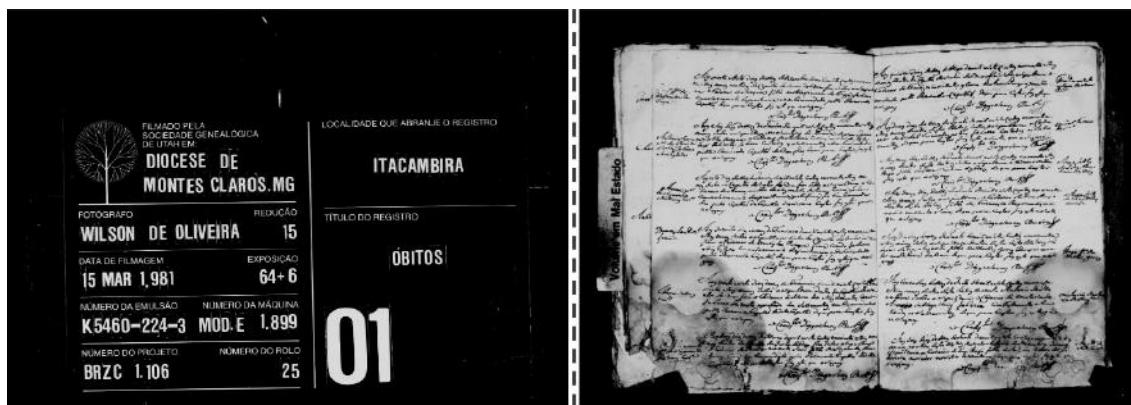
As mudanças de denominação e status a que estiveram sujeitos o arraial e a igreja, daquela que mais tarde passou a chamar-se Itacambira, certamente tiveram implicações na reconstituição histórica. As mudanças e mobilidade da gestão administrativa ao longo de três séculos certamente impactam a recuperação de documentos, muitos deslocados do local original por sucessivas mudanças de gestão. Os livros de registro de enterros, batizados e mortes, apesar de incompletos, são uma das mais ricas fontes para estudos locais. Um fragmento de página apresentado aos pesquisadores da Fiocruz à época da doação dos despojos, está reproduzido em Araújo, Confalonieri & Ferreira (1988). Neste fragmento consta o registro de quatro enterros, feitos entre dezembro de 1782 e janeiro 1783, um dos quais é reproduzido a seguir:

“Aos treze dias do mês de Dezembro de mil setecentos e oitenta e dois dentro (?) a Matriz Santo Antonio de Itacambira se deu sepultura ao cadaver de Jose lairâno (?) escravo de Joao Alves Pereyra

.....fazenda dos dois..... Manoel Batista Landim e para constar mandei fazerdo que asiney”.

A consulta a estes livros (Figura 2) tem permitido reunir informações sobre as características dos indivíduos sepultados em diferentes momentos naquela igreja.

Figura 2: Capa e página do livro de registro de óbitos de Itacambira, microfilmado pela Sociedade Genealógica de UTAH.



Apesar do mito das riquezas minerais ter dominado o imaginário local, a documentação histórica, o legado arquitetônico e o desenvolvimento de Itacambira nos confirma que após ciclos de criação de gado, algodão de minas e recursos para subsistência, Itacambira segue o padrão da região, uma das mais pobres e agrestes do Brasil. Neste contexto, e apesar da aridez, o achado de corpos mumificados parece natural, porem alguns detalhes tem levado ao questionamento dos processos relacionados à sua preservação (BRAGA et al., 2015).O senso comum considera que nas condições climáticas, geológicas e de drenagem em se encontrou por décadas a Matriz de Itacambira, a preservação natural de corpos seria favorecida, principalmente quando sepultados em períodos secos. Narrativas locais, reproduzidas nos livros consultados, referem ser preciso “molhar” as sepulturas para promover a decomposição. No entanto, deve-se considerar que nos séculos XVIII e XIX as práticas de mumificação intencional não eram raras e eram valorizadas pela igreja católica. As situações em que os cuidados com o corpo morto, somadas à condições naturais de preservação, ou situações incidentais, como o uso de medicamentos, promovem a conservação também são bem conhecidas da literatura (AUFDERHEIDE, 2003).A busca pelos elementos que favoreceram a preservação de uma minoria destes remanescentes de Itacambira está sendo iniciada, e talvez ajudem no futuro a identificar melhor alguns daqueles mortos.

Metodologia para responder à pergunta: Quem?

O ponto de partida para responder a pergunta quem seriam aqueles mortos, vai além dos seus corpos, e começa respaldado pelos registros de batismo, casamento e enterros feitos na Igreja, que nos confirmam que em Itacambira viviam libertos e escravos, brasileiros e estrangeiros, indivíduos de diferentes origens étnicas ou geográficas, entre os quais europeus de diferentes países e africanos identificados como “Congo”, “Mina” ou “Angola”. Sua identificação, remetendo a raça/cor está associada também a termos da época tais como “mulata”, “preto”, “branco” ou “crioulo”. Os livros de registro de enterros, que importam mais diretamente a esta investigação, portanto, foram as fontes primárias deste trabalho. Apesar de conhecidos na região, as referências aos ditos “Botocudos”, geralmente identificados como Puri-Coroado, são escassas, mas respaldadas por relatos de viajantes, que os mencionam como perigo para aqueles sertões e também força de trabalho (SAINT-HILAIRE, 1975; WIED-NEUWIED, 1989).

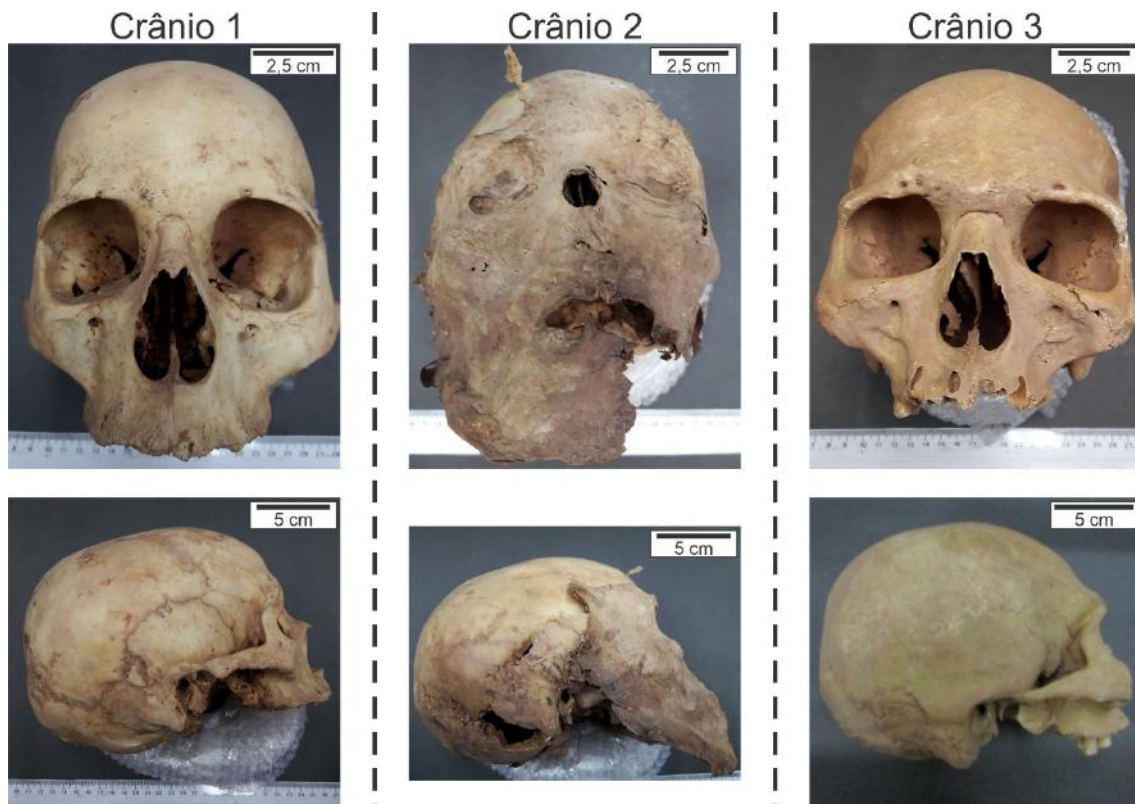
Não se tratando de material proveniente de escavações arqueológicas controladas, nem tendo identificação ou associações precisas em sepulturas, estes exemplares incompletos e ossos dispersos tornam-se ainda mais difíceis de identificar. Estando morfologicamente bem conservados, neste estudo optou-se pela análise da sua morfologia, em busca de elementos que ajudassem a caracterizar ancestralidade, sexo e idade dos indivíduos. O trabalho começou pelos crânios bem preservados, devendo estender-se a outros segmentos anatômicos, mesmo avulsos. No futuro, o apoio de outras áreas como a biologia molecular deverá complementar este estudo.

Os corpos mumificados e ossos trazidos para a Fiocruz correspondem a um NMI (número mínimo de indivíduos) de seis, dos quais cinco adultos e um lactente, estando presentes ambos os sexos, em parte identificados pela preservação das genitálias em um adulto e no lactente. Mas a estimativa máxima de 15 (14 adultos e/ou subadultos e um lactente) deve ser considerada, uma vez que os ossos podem representar diferentes indivíduos.

Sendo a cabeça óssea a região mais caracterizável para fins de identificação de ancestralidade, foram considerados neste estudo três exemplares, um deles contendo ainda parte de pele e parte da face mumificada. Apenas este último apresentava a mandíbula, mas para reduzir os erros decorrentes de dados faltantes, foi considerada apenas a geometria morfológica do crânio, excluindo-se a mandíbula.

Os 3 crânios são de adultos, cujas idades variaram de adulto jovem a adulto maduro, e estão em bom estado de conservação. Há perdas e decaimento dentários, devidos em parte à exumação e manipulações subsequentes (Figura 3). Os crânios não apresentam deformidades causadas por compressões ou perdas ósseas, mas um deles mostra cortes e fraturas na calota. O crânio que tem pele mumificada ainda aderida teve menor número de medidas.

Figura 3: Crânios de Itacambira analisados neste trabalho, vistos pela norma frontal e lateral direita.



A partir da execução das medidas preconizadas, realizadas no laboratório de paleoparasitologia da ENSP em 06 maio de 2013, foi feita a análise multivariacional. Dentre as diversas ferramentas disponíveis análise dos dados e estimativa de sexo e ancestralidade, optou-se pelo uso do FORDISC (OUSLEY; JANTZ, 1996). Embora havendo diferentes opções, a escolha recaiu sobre o FORDISC, software proprietário desenvolvido por Stephen Ousley e Richard Jantz, em associação com a Universidade do Tennessee, EUA (COELHO et al., 2012; UBERLAKER, 1998) que oferece base de dados diversificada e já estava disponível para a equipe.

As medidas realizadas (BUIKSTRA; UBELAKER, 1994) são aqui apresentadas com a terminologia versada para o português a partir de Pereira e Mello e Alvim (1979), foram as seguintes: comprimento máximo do crânio (GOL: glabella-opisthokranion); largura máxima do crânio (XCB: bi euryon); largura facial máxima (ZYB: bi zygion); altura do crânio (BBH: basion-bregma); comprimento da base do crânio (BNL: basion-nasion); comprimento da face (BPL: basion-prosthion); largura maxilo-alveolar (MAB: bi ektomalare); comprimento maxilo-alveolar (MAL: alveolon-prosthion); largura bi auricular (AUB: bi auriculare); altura facial superior (UFHT: nasion-prosthion); largura frontal mínima (WFB: bi frontotemporale); largura facial superior (UFRB: bi frontomalaretemporale); altura nasal (NLH: nasion-nasospinale); largura nasal (NLB: bi alare); largura da órbita (OBB: dakryon-ektokonchion); altura da órbita (OBH: máxima perpendicular à largura da órbita); largura bi orbitária (EKB: bi ektokonchion); largura interorbitária (DKB: bi dakryon); corda sagital frontal (FRC: nasion-bregma); corda sagital parietal (PAC: bregma-lambda); corda sagital occipital (OCC: lambda-opisthion); comprimento do forame magno (FOL: basion-opisthion); largura do forame magno (FOB: máxima perpendicular ao comprimento); e, altura da mastóide (MDH: porion-mastoidale, perpendicular ao Plano de Frankfurt), conforme apresentado na Figura 4.

Figura 4: Medidas tomadas em cada um dos três crânios de Itacambira analisados.

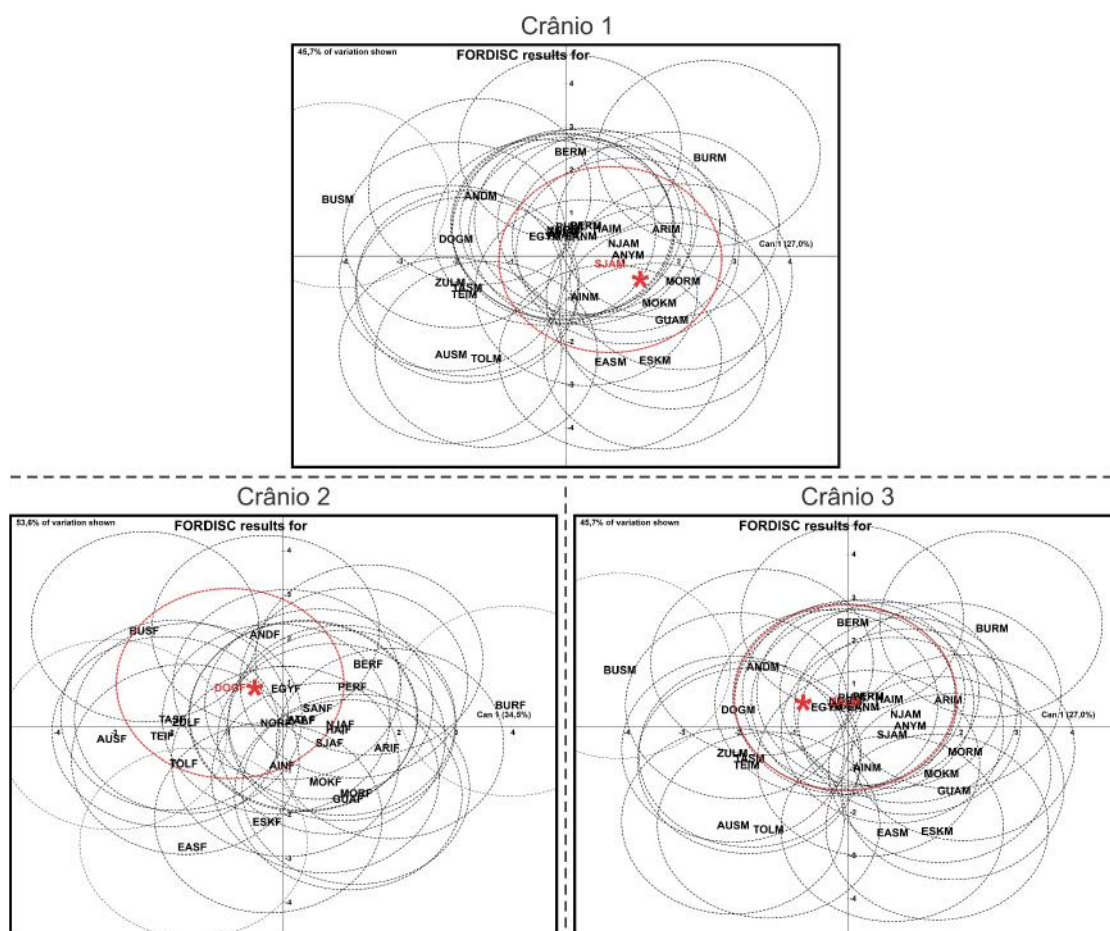
CASE #:	<u>Crânio - 01</u>	RECORDER:	_____	DATE:	<u>06/05/2013</u>
----- CRANIAL MEASUREMENTS -----					
1. MAXIMUM LENGTH (g-op):	<u>190</u>	13. NASAL HEIGHT (n-ns):	<u>51</u>		
2. MAXIMUM BREADTH (eu-eu):	<u>134</u>	14. NASAL BREADTH (al-al):	<u>26</u>		
3. BIZYGOMATIC BREADTH (zy-zy):	<u>130</u>	15. ORBITAL BREADTH (d-ec):	<u>39</u>		
4. BASION-BREGMA (ba-b):	<u>135</u>	16. ORBITAL HEIGHT (OBH):	<u>36</u>		
5. CRANIAL BASE LENGTH (ba-n):	<u>103</u>	17. BIORBITAL BR. (ec-ec):	<u>95</u>		
6. BASION-PROSTHION L. (ba-pr):	<u>95</u>	18. INTERORBITAL BR. (d-d):	<u>21</u>		
7. MAX.-ALVEOLAR BR. (ecm-ecm):	<u>66</u>	19. FRONTAL CHORD (n-b):	<u>106</u>		
8. MAX.-ALVEOLAR L. (pr-alv):	<u>55</u>	20. PARIETAL CHORD (b-1):	<u>115</u>		
9. BIAURICULAR BREADTH (AUB):	<u>125</u>	21. OCCIPITAL CHORD (l-o):	<u>109</u>		
10. UPPER FACIAL HGT. (n-pr):	<u>71</u>	22. FORAMEN MAGNUM L. (ba-o):	<u>34</u>		
11. MIN. FRONTAL BR. (ft-ft):	<u>88</u>	23. FORAMEN MAGNUM BR (FOB):	<u>30</u>		
12. UPPER FACIAL BR. (fmt-fmt):	<u>101</u>	24. MASTOID LENGTH (MDH):	<u>32</u>		

CASE #:	<u>Crânio - 02</u>	RECORDER:	_____	DATE:	<u>06/05/2013</u>
----- CRANIAL MEASUREMENTS -----					
1. MAXIMUM LENGTH (g-op):	<u>178</u>	13. NASAL HEIGHT (n-ns):	_____		
2. MAXIMUM BREADTH (eu-eu):	<u>140</u>	14. NASAL BREADTH (al-al):	_____		
3. BIZYGOMATIC BREADTH (zy-zy):	<u>129</u>	15. ORBITAL BREADTH (d-ec):	_____		
4. BASION-BREGMA (ba-b):	<u>124</u>	16. ORBITAL HEIGHT (OBH):	_____		
5. CRANIAL BASE LENGTH (ba-n):	<u>99</u>	17. BIORBITAL BR. (ec-ec):	_____		
6. BASION-PROSTHION L. (ba-pr):	<u>99</u>	18. INTERORBITAL BR. (d-d):	_____		
7. MAX.-ALVEOLAR BR. (ecm-ecm):	<u>67</u>	19. FRONTAL CHORD (n-b):	<u>109</u>		
8. MAX.-ALVEOLAR L. (pr-alv):	<u>53</u>	20. PARIETAL CHORD (b-1):	<u>107</u>		
9. BIAURICULAR BREADTH (AUB):	<u>119</u>	21. OCCIPITAL CHORD (l-o):	<u>96</u>		
10. UPPER FACIAL HGT. (n-pr):	<u>62</u>	22. FORAMEN MAGNUM L. (ba-o):	<u>33</u>		
11. MIN. FRONTAL BR. (ft-ft):	<u>105</u>	23. FORAMEN MAGNUM BR (FOB):	<u>31</u>		
12. UPPER FACIAL BR. (fmt-fmt):	<u>107</u>	24. MASTOID LENGTH (MDH):	<u>30</u>		

CASE #:	<u>Crânio - 03</u>	RECORDER:	_____	DATE:	<u>06/05/2013</u>
----- CRANIAL MEASUREMENTS -----					
1. MAXIMUM LENGTH (g-op):	<u>191</u>	13. NASAL HEIGHT (n-ns):	<u>51</u>		
2. MAXIMUM BREADTH (eu-eu):	<u>147</u>	14. NASAL BREADTH (al-al):	<u>27</u>		
3. BIZYGOMATIC BREADTH (zy-zy):	<u>142</u>	15. ORBITAL BREADTH (d-ec):	<u>42</u>		
4. BASION-BREGMA (ba-b):	<u>139</u>	16. ORBITAL HEIGHT (OBH):	<u>30</u>		
5. CRANIAL BASE LENGTH (ba-n):	<u>102</u>	17. BIORBITAL BR. (ec-ec):	<u>109</u>		
6. BASION-PROSTHION L. (ba-pr):	<u>96</u>	18. INTERORBITAL BR. (d-d):	<u>26</u>		
7. MAX.-ALVEOLAR BR. (ecm-ecm):	<u>67</u>	19. FRONTAL CHORD (n-b):	<u>119</u>		
8. MAX.-ALVEOLAR L. (pr-alv):	<u>56</u>	20. PARIETAL CHORD (b-1):	<u>116</u>		
9. BIAURICULAR BREADTH (AUB):	<u>127</u>	21. OCCIPITAL CHORD (l-o):	<u>98</u>		
10. UPPER FACIAL HGT. (n-pr):	<u>71</u>	22. FORAMEN MAGNUM L. (ba-o):	<u>39</u>		
11. MIN. FRONTAL BR. (ft-ft):	<u>100</u>	23. FORAMEN MAGNUM BR (FOB):	<u>31</u>		
12. UPPER FACIAL BR. (fmt-fmt):	<u>114</u>	24. MASTOID LENGTH (MDH):	<u>34</u>		

As medidas foram obtidas com o instrumental preconizado e a seguir inseridas no software **FORDISC**® 2.0, procedendo-se à análise discriminante multivariada. A estimativa de sexo levou em conta os percentuais de acerto calculados em cada caso, ou seja, a probabilidade de cada crânio ser feminino, masculino ou indeterminado, e esta probabilidade foi levada em conta na interpretação da provável ancestralidade. Cada crânio teve sua geometria comparada a dos grupos étnicos disponibilizados pelo programa. A distância entre cada crânio de Itacambira e os centróides representativos dos demais grupos humanos foi analisada (Figura 5).

Figura 5: Gráficos de dispersão para análise discriminante multigrupos gerados no Fordisc com os dados craniométricos de cada um dos crânios analisados.



Os resultados da análise morfológica foram obtidos de forma independente pelo primeiro autor (ALS), que apresentou as hipóteses de ancestralidade e estimativas de sexo a partir exclusivamente do seu resultado. Posteriormente, as informações históricas, que haviam sido compiladas pelas duas outras autoras (BRP, SMS) foram agregadas e a coerência/complementaridade discutidas, a luz também de resultados de trabalhos já publicados e em andamento sobre o material. Os dados foram reunidos e interpretados e para responder a questão sobre a identificação dos três indivíduos representados pelos crânios de Itacambira.

Resultados

Os resultados da análise craniométrica multivariacional feita com auxílio do FORDISC são apresentados a seguir.

No crânio identificado como crânio 1 (CPFERA # 76-2), foram feitas todas as 24 medidas cranianas, exceto as de mandíbula. Este exemplar foi estimado como provavelmente do sexo masculino (75% de probabilidade). Suas características cranioscópicas, pouco marcadamente masculinas, foram consistentes com a estimativa de sexo pelo FORDISC, sendo admitido ser este um indivíduo pouco dimórfico para sexo e, deste modo, para fins de ancestralidade, foram testadas ambas as possibilidades: sendo masculino, ou alternativamente sendo feminino. A afinidade geométrica deste crânio apontou para ancestralidade de grupos asiáticos (51,1% de probabilidade), ou alternativamente da Nova Zelândia (71,7% de probabilidade). Levando em conta a proximidade entre as geometrias de crânios asiáticos e americanos, foi possível verificar que este crânio agrupa-se próximo de séries americanas, inclusive arqueológicas e de grupos indígenas atuais do Brasil (HUBBE et al., 2015).

Considerando tratar-se de um provável indivíduo masculino, a menor distância estimada seria com o grupo asiático do norte da ilha de Kyushu, Sul do Japão. Considerando a alternativa menos provável, de tratar-se de um indivíduo feminino, sua morfologia seria aproximada a dos Moriori, grupo polinésio das Ilhas Chatham, da Nova Zelândia.

O crânio denominado crânio 2 (CPFERA #74), por ter partes de pele aderidas, permitiu apenas 18 medidas cranianas, não sendo possível fazer as 6 medidas da face. Este exemplar, com características morfoscópicas femininas, também apresentou geometria feminina no FORDISC, com alta probabilidade de acerto (96,4% de probabilidade). Quanto à ancestralidade aproximou-se de grupos africanos. Se considerado feminino, como sugere a alta probabilidade de acerto estimada, sua geometria o aproximaria dos Zulu (32,1% de probabilidade), povo do Sul do continente africano, ocupando territórios que hoje correspondem à África do Sul, Lesoto, Essuatíni, Zimbábue e Moçambique. Na condição muito menos provável de tratar-se de indivíduo masculino, sua geometria o aproximaria dos Dogon (55,7% de probabilidade), do platô central do Mali, na África Ocidental, ao sul da curva do Níger, nos arredores de Bandiagara e no Burquina Fasso.

No exemplar identificado como crânio 3 (CPFERA #76-1) também foram realizadas todas as 24 medidas cranianas. Este indivíduo mostrou geometria craniana masculina (100% de probabilidade), o que foi consistente com a cranioscopia hipermasculina do exemplar. Sua geometria craniana permitiu aproximá-lo dos Zalavár (57,8% de probabilidade), grupo humano originário de uma vila localizada no condado

de Zala, a sudoeste do Lago Balaton, na Hungria. Mas o crânio também guarda semelhança com os Norse, de Oslo, na Noruega, ainda que com menor probabilidade (25,3%).

Discutindo: estes resultados fazem sentido?

A bioarqueologia, como a própria arqueologia, é uma ciência indiciária, e frequentemente não pode aplicar análises quantitativas aos seus objetos de estudo, pois trabalha com séries reduzidas, não representativas, materiais avulsos ou de caracterização incompleta, dados faltantes e outros desafios. Ainda assim, modelos gerados com análises quantitativas, formam a base de muito da sua inferência.

Quando só se pode contar com indícios, as abordagens interdisciplinares tornam-se ainda mais importantes para a formulação de hipóteses e propostas de interpretação. Antropologia, biologia, história, paleoparasitologia, paleogenética humana, arquitetura, paleonutrição: conhecimentos de diferentes áreas dialogam na interpretação de materiais como estes provenientes da Igreja de Santo Antônio de Itacambira.

Aqui, crânios adultos bem conservados, ainda que dois deles dissociados de seus pós-crânios, proporcionaram dados suficientes para estimativa relativamente segura de sexo, e agruparam-se como o esperado em conjuntos coerentes com os dados históricos e demográficos disponíveis para a localidade e o período.

Cada crânio aproximou-se de uma ancestralidade diferente: sendo um Centro-Europeu, um Africano e um Asiático, este último compartilhando o cluster com grupos americanos. Embora dando ideia da diversidade representada no cemitério, o resultado não expressa a proporção dos representantes das três grandes regiões geográficas na série funerária. Estudos futuros de todo o conjunto, ou de uma amostragem significativa do mesmo, poderão ajudar a conhecer a composição de enterros representados no ossuário, por conseguinte, completar informações sobre a demografia local e até aspectos sociais específicos do uso do cemitério.

Respeitados os seus limites, a análise craniométrica multivariacional corrigiu impressões visuais iniciais, como aquela causada pela grande largura bizigomática (bi zygion) do crânio 3 (CPFERA # 76-1). Ainda que a variabilidade intrapopulacional nas séries cranianas humanas seja grande, e as geometrias encontradas possam expressar apenas, e no limite, variações de um mesmo grupo, os modelos geométricos estabelecidos nas coleções de referência permitem aceitar os resultados aqui obtidos como ponto de partida para estudos futuros. Por sua vez, o exercício indiciário de

associação com dados produzidos por outras áreas do conhecimento, reforçou a hipótese de que as interpretações mais prováveis para os crânios fizessem sentido. Mesmo não sendo possível testar sua significância, existem elementos para supor que os resultados tem significado e coerência biológica, histórica, demográfica e até paleoparasitológica.

Os registros de enterros em Santo Antônio de Itacambira informam sobre funerais de pessoas de diferentes idades e ambos os sexos, tanto livres quanto escravos, de diferentes origens e nacionalidades, condições sociais/profissões e outras características. Embora variem com o período e quem registrou, contam em alguns períodos informações sobre disponibilidade de herança, estado civil, sacramentos recebidos, tipo de mortalha e assim por diante. As identificações de origem, características físicas, sexuais e etárias e condição social se dão por diferentes expressões, tais como: *preto Angola, escravo/a, inocente escravo/a, mulata escrava, homem pardo, crioulo/a, crioulo forro, pardo forro, parda, homem branco de Portugal, homem branco filho de Portugal, filho ilegítimo, filha natural*, e outras, como nos dois exemplos que se seguem extraídos do Livro Registro de Óbitos 01 (1779-1807) de Itacambira:

“Aos dois dias do mês de Agosto de mil cetecentos e noventa.....no Adro desta matriz de Santo Antonio de Itacambira foi sepultado o cadáver de Joaquim Mina preto forro morador da freguesia desolteiro pobre.....e por mim encomendado.....e para constar ,,,,,,,,assinei”.

“Aos dezenove dias do mes de dezembro de mil novecentos e noventa.....no Adro desta Matriz de Santo Antonio de Itacambira foi sepultado o cadaver de Antonio Angola escravo defaleceu sem sacramento da penitencia e aqui para constar eu atesto que asigney”.

Um censo demográfico feito na época do Império (BRASIL, 1874) mostra em seus resultados os totais compilados de indivíduos agrupados pelo critério dito de cor, que remete a origem, havendo a opção *brancos*, e as opções *pardos e pretos*, supostamente para os ditos mestiços principalmente afrodescendentes, que eram a maioria, e também *caboclos*. Outras categorias contabilizadas são homens/mulheres, casados/solteiros, alfabetizados/não, e os trabalhadores em diferentes atividades laborais como costureiras ou lavradores, e referidos também os ditos “jornaleiros”, pessoas sem emprego ou atividade definida que faziam serviços diversos pagos ao dia, ou seja,

diaristas. Nesse mesmo censo, é possível observar que algumas poucas nacionalidades estão previstas, entre elas Austríacos, Dinamarqueses, Húngaros, Japoneses, Chineses, Gregos, Espanhóis e outros, além dos esperados Portugueses. Chama atenção que neste censo não se encontre referências as nações ou etnias africanas ou indígenas. Ainda que represente apenas um corte anual, e não a totalidade do período de enterros em Itacambira, este registro ilustra a composição populacional local.

A proximidade do crânio 1 com grupo da Ásia levou a considerar alguns indícios. O estilo de aparente inspiração oriental na igreja de Itacambira, especialmente em seu altar, está entre as motivações de seu tombamento. Ainda que o uso decorativo de motivos orientais tenha sido muito difundido na Europa o seu uso nesta igreja católica no sertão do Brasil sugere uma relação local mais próxima, argumento que se reforça pelo achado de uma peça de roupa de seda na múmia de lactente (CPFERA #77). A previsão, no censo do Império, para levantar o quantitativo de Japoneses e Chineses, reforça a hipótese de penetração oriental em Minas Gerais. Por outro lado, apesar da presença de indígenas na região estar prevista, a geometria deste crânio, ainda que compartilhando semelhanças, não se aproximou tanto daqueles. Cabe ressaltar, entretanto que a presença da etnia Puri-Coroado está registrada na região (IBGE, 1981; SAINT-HILAIRE, 1975; WIED-NEUWIED, 1989).

Quanto ao crânio 2 (CEPFERA #74), correspondente ao corpo parcialmente mumificado 74 na coleção, sua geometria seria afim a grupos africanos Zulu, do Sul ou Sudeste da África, mas também próxima da geometria de grupos Dogon, do Oeste da África, estes últimos traficados através de portos de escravos da África Central. Ambos os resultados são compatíveis com a vinda de escravos para o Brasil (FLORENTINO, 1997). As abundantes referências a negros, escravos, forros, creoulos e outros termos com que se identificam africanos ou afrodescendentes enterrados em Itacambira confirma o seu predomínio no cemitério deste segmento. Majoritariamente representados no censo, identificados como pretos e pardos, parecem ter representado a maior parte da população da região. Para esta confirmação e detalhamento, da mesma forma, estudos futuros de aDNA serão bem vindos.

Importante, entretanto, que aos dados demográficos e históricos somem-se as evidências paleoparasitológicas. Estudos baseados em aDNA parasitário, feitos em conteúdo abdominal e amostras de osso deste indivíduo, foram positivos para *Leishmania tarentolae* (NOVO et al., 2015). Esta leishmania, encontrada em gecos e lagartos, não é de origem americana, inexistente no Brasil, não havendo aqui a sua cadeia

de transmissão. Encontrada pela primeira vez no continente africano, ocorre ali, como também na Europa Mediterrânea, em diferentes répteis. Sua presença no corpo mumificado 74 é consistente com sua provável ancestralidade, adicionando a esta, outra informação: esta mulher seria mais provavelmente egressa da África, e não uma afrodescendente no Brasil, já que esta parasitose, praticamente assintomática, não seria transmitida aqui, mas pode ter acompanhado sua hospedeira por anos após sua saída daquele continente.

A conservação do corpo correspondente a este crânio, por outro lado, está em investigação. Em meio às centenas de ossos humanos naquela necrópole, alguns raros exemplares mostram partes mumificadas, o que sugere que processos tafonômicos relacionados às condições climáticas e de solo talvez sejam insuficientes para explicar a mumificação de alguns poucos. Por outro lado, os estudos começam a revelar alguns indícios de preparação intencional. No corpo do lactente, também mumificado, observa-se o cuidado na preparação do cadáver, com a colocação inclusive de tampão anal para o sepultamento. Análises químicas futuramente deverão esclarecer se houve preparação artificial em algum dos corpos. A hipótese de um corpo preparado, naquele local, principalmente em indivíduo de ancestralidade africana, pode levantar novas e interessantes questões sobre a sociedade e a história local.

Já o crânio 3 (CPFERA #76-1) mostrou resultado surpreendente, na medida em que sua geometria o aproxima ao grupo centro-europeu dos Zalavár, da Hungria. Tanto os dados históricos quanto o censo de época, apontam, naturalmente, para o predomínio de europeus de origem Ibérica, principalmente portuguesa, tal como explicitado também no livro de enterros. No entanto, o censo prevê europeus de outros países específicos como Áustria, Dinamarca, França, Grécia, Hungria e Suécia. Esta referência sugere que sua presença seria esperada e relevante o suficiente a ponto de constar no censo.

Cabe lembrar que houve estreita relação entre o Império do Brasil e o Império Austro-Húngaro, origem da primeira Imperatriz brasileira. O casamento real e os esforços políticos decorrentes incentivaram relações diplomáticas, políticas, culturais e econômicas com aquele reino centro-europeu. Ainda que dificuldades de diferentes ordens tenham prejudicado uma grande penetração destes europeus em nosso país, sua presença deu-se em diferentes frentes (CLEMENTE; CARRION; DEDECEK, 2000). Mais tardiamente, e por motivos distintos, a migração específica de pessoas vindas do que já era a nação Húngara, para Minas Gerais, está documentado pelo registro de migrantes Húngaros em hospedaria de Juiz de Fora (FONSECA; REIS, 2012). Estas

referências históricas ajudam contextualizar a presença de um enterro de alguém cuja origem pudesse ser de um grupo da Europa Central. Para este ponto também estudos de aDNA serão elucidativos, mas estudos já em andamento (M. Bastos, comunicação pessoal) sinalizam para novas evidências, através da variação dos padrões obtidos com análises de isótopos de carbono, nitrogênio e oxigênio em dentes e osso.

Finalmente, o prosseguimento da leitura dos registros de enterros talvez identifique mais precisamente a presença de outras nacionalidades em Itacambira.

Embora, em se tratando de indícios, nada seja definitivo, aqui alguns achados convergiram. O seguimento das investigações na necrópole histórica em Itacambira buscou a coerência das interpretações que diferentes campos disciplinares trouxeram. Este ensaio permitiu desenvolver o grande potencial dialético dos estudos multidisciplinares e das redes de investigação, através de abordagem de perguntas comuns a partir de diferentes profissionais e diferentes olhares.

Conclusões

Respeitados seus limites, a análise craniométrica multivariada de três indivíduos adultos provenientes do ossuário da Igreja de Santo Antônio de Itacambira, MG, sugere que sua ancestralidade esteja associada a grupos humanos de origens muito diversas. O crânio 1 (CPFERA #76-2), enquanto provável masculino, tem morfologia convergente com grupo do Sul do Japão; o crânio 2 (CPFERA #74), enquanto provável feminino, assemelha-se aos Zulu, da África; e, o crânio 3 (CPFERA #76-1), enquanto provável masculino, assemelha-se ao grupo Zalavár da Hungria.

Este resultado foi compatível com a diversidade dos registros de enterro, com dados históricos e com achados arquitetônicos, arqueológicos e paleoparasitológicos, e deverá ser analisado frente futuros estudos de aDNA humano e estudos isotópicos já em andamento.

Agradecimentos

Nossos agradecimentos ao Dr. Luiz Fernando Ferreira (*in memoriam*), responsável à época pelo Laboratório de Paleoparasitologia do Departamento de Ciências Biológicas da ENSP, que guardava o material de Itacambira à época dos estudos craniométricos. Agradecimentos ainda às Dras. Marcia Chame e Gleisse Nunes, curadoras da CPFERA, e sua equipe do Laboratório de Paleoparasitologia do Departamento de Endemias Samuel Pessoa, principalmente à bolsista Renata Braga,

pelo apoio ao acesso à coleção e retomada dos trabalhos laboratoriais. Agradecimentos também aos colaboradores de nossa rede interdisciplinar, Dr. Sergio Chaves, paleobotânico, Dr. Murilo Bastos, bioarqueólogo especialista em isótopos, e Dr. Jorge Prata, historiador, por nos ouvir e colaborar com nossas discussões. Finalmente agradecemos ao CNPq pela Bolsa de Iniciação Científica da segunda autora.

Fontes

Livro Registro de Óbitos nº 1 (1779-1807) da Paróquia de Santo Antônio de Itacambira. Microfilmado pela sociedade genealógica de Utah e disponibilizado no site Family Search (<https://www.familysearch.org/>).

Brasil. **Recenseamento do Brasil em 1872.** v.7. Rio de Janeiro: Typ. G. Leuzinger, 1874.

Referências Bibliográficas

AUFDERHEIDE, A. C. **The Scientific Study of Mummies.** Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

BRAGA, M. V. et al. Identification of *Megaselia scalaris* (Loew, 1866) (Diptera: Phoridae) in mummified human body from Itacambira (MG), Brazil, using scanning electron microscopy and cuticular hydrocarbons. **Journal of Natural History**, v. 50, n. 21–22, p. 1381–1388, 2015.

BUIKSTRA, J. E.; UBELAKER, D. H. **Standards for Data Collection from Human Skeletal Remains: Proceedings of a Seminar at the Field Museum of Natural History.** Fayetteville: Arkansas Archeological Survey Research Series No. 44, 1994.

CLEMENTE, F. B.; CARRION, M. K. M.; DEDECEK, T. S. Relações entre Brasil e Áustria, no período de 1822 a 1889. **Relações Internacionais no Mundo Atual**, v. 1, n. 1, p. 89–108, 2000.

COELHO, C. et al. **FORDISC Testado em Escravos Africanos.** Évora: [s.n.].

COTRIM, D. T. **Ensaio histórico de Itacambira.** Montes Claros/MG: Cotrim/Millennium, 2014.

FERREIRA, L. F.; ARAÚJO, A.; CONFALONIERI, U. The Finding of Helminth Eggs in a Brazilian Mummy. In: FERREIRA, L. F.; ARAÚJO, A.; CONFALONIERI, U. (Eds.). **Paleoparasitologia no Brasil.** Rio de Janeiro: PEC/ENSP, 1988. p. 41–45.

FERREIRA, L. F.; CONFALONIERI, U.; ARAÚJO, A. Encontro de ovos de *Trichostrongylidae* e *Trichuris Trichiura* em corpo mumificado do período colonial brasileiro. In: FERREIRA, L. F.; ARAÚJO, A.; CONFALONIERI, U. (Eds.). **Paleoparasitologia no Brasil.** Rio de Janeiro: PEC/ENSP, 1988. p. 46–52.

FLORENTINO, M. **Em Costas Negras: uma História do Tráfico de Escravos Entre a África e o Rio de Janeiro.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FONSECA, K. F.; REIS, F. L. C. **Família e demografia em Minas Gerais, séculos XVIII, XIX e XX: um relato de experiência** Resumos do XVIII Encontro

Regional (ANPUH-MG). Ouro Preto: EDUFOP, 2012. Disponível em: <http://www.encontro2012.mg.anpuh.org/resources/anais/24/1340662517_ARQUIVO_KAMILA2.pdf>.

HUBBE, M. et al. Early South Americans cranial morphological variation and the origin of American biological diversity. **PLoS ONE**, v. 10, n. 10, p. 1–17, 2015.

IBGE. **Mapa etno-histórico de Curt Nimuendaju / Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em colaboração com a Fundação Nacional Pró-Memória.** Rio de Janeiro: IBGE, 1981.

NOVO, S. P. C. et al. Leishmania tarentolae molecular signatures in a 300 hundred-years-old human Brazilian mummy. **Parasites and Vectors**, v. 8, n. 1, p. 1–8, 2015.

OUSLEY, S.; JANTZ, R. **FORDISC 2.0: Personal Computer Forensic Discriminant Functions.** Knoxville: University of Tennessee, 1996.

PEREIRA, C. B.; ALVIM, M. C. DE M. E. **Manual para estudos craniométricos e cranioscópicos.** Santa Maria/RS: Imprensa Universitária da Universidade Federal de Santa Maria, 1979.

PIRES, S. R. **Serra Geral: diamantes, garimpeiros & escravos.** Belo Horizonte: Cuatiara, 2001.

RODRIGUES, C.; FRANCO, M. DA C. V. O corpo morto e o corpo do morto entre a Colônia e o Império. In: PRIORE, M. DEL; AMANTINO, M. (Eds.). **História do corpo no Brasil.** 1. ed. São Paulo: UNESP, 2011. p. 568.

SAINT-HILAIRE, A. DE. **Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

UBERLAKER, D. Book Review: Fordisc 2.0: Personal computer forensic discriminant functions. **International Journal of Osteoarchaeology**, v. 8, p. 128–131, 1998.

WIED-NEUWIED, M. PRINZ ZU. **Viagem ao Brasil nos anos de 1815 a 1817.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.

Sites visitados

BUENOPOLIS. **Caixões São Encontrados sob Piso de Igreja em Minas Gerais,** 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Q-GFNpJ9Ytc>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

ENSP/FIOCRUZ. **CPFERA: Coleção Paleoparasitológica e de Fezes Recentes de Animais.** Disponível em: <<http://cpfera.fiocruz.br>>. Acesso em: 1 out. 2020.

FAMILYSEARCH. **História da família e registros genealógicos gratuitos.** Disponível em: <<https://www.familysearch.org/pt/>>. Acesso em: 1 out. 2020.

IEPHA-MG. **IEPHA/MG Inventaria Acervo da Matriz de Itacambira.** Disponível em: <<http://www.iepha.mg.gov.br/banco-de-noticias/652-iephamg-inventaria-acervo-da-matriz-de-itacambira>>. Acesso em: 1 abr. 2013.